



Publicado em 1912, o Eu Tive mais de 30 edições em menos de sessenta anos. Autor de um único livro, Antonio dos Anjos tornou-se um poeta popular. Tal como Casimiro de Abreu, com as suas As Primaveras. Mas a fortuna crítica de Augusto, a princípio, oscilante e dubia, nem sempre lhe era favorável. Os críticos mais exigentes, e talvez mais preconceituosos, insistiam em apontar imperfeições e falavam no "mau gosto" do poeta. Otávio Soares escreveu um belo ensaio para a 2ª edição, de 1919, intitulada Eu e outras poesias. Antonio Torres dedicou-lhe, mais que por essa época, um artigo entusiástico. Veio em seguida o estudo piosueto de Gilberto Freyre, jovem recém-chegado do Estado Unidos da América. A reabilitação foi ratuada com a opinião definitiva de Manuel Bandeira, ~~em 1920~~ no seu Apresentação da Poesia Brasileira. Apareceram depois os estudos de Otto-Marie Carpeaux, José Lúy do Rago, Manoel Cavalcanti Proença, quando o poeta já havia conquistado um grande público sempre fiel e passou a ser afinal considerado pela crítica: Anatol Rosenfeld, Antônio Houaiss, Lodo Lvo, Ferreira Gullar, R. Masalhões, Jânio. Hoje, não há dúvida, Augusto dos Anjos figura entre as maiores expressões da poesia Brasileira de todos os tempos.

Rio de Janeiro, 16 de abril de 1984.

Francisco OT Mri Bibl.